

JESUS CRISTO É O MESMO: ONTEM, HOJE E SEMPRE

Um comentário eclesiológico

Pe. Alberto Antoniazzi*

O que se pretende, nestas poucas páginas, é esboçar uma reflexão sobre o significado do texto de Hb 13,8 - "Jesus Cristo é o mesmo: ontem, hoje e sempre!" - para a eclesiologia. A brevidade do espaço e do tempo à nossa disposição nos dispensa de notas e aparato crítico.

1. Antes de iniciar com uma reflexão teórica, parece-nos mais interessante começar pela observação de fatos. O texto de Hb 13,8 serviu de inspiração, efetivamente, para alguma eclesiologia? A resposta é afirmativa. Ao menos no Brasil, as Igrejas Pentecostais clássicas, que aqui se desenvolveram a partir de 1910, viram em Hb 13,8 uma inspiração fundamental para sua maneira de conceber a fé cristã e a vida eclesial. Tais Igrejas são a *Assembléia de Deus* (que hoje conta com mais de três milhões de fiéis ou 2% da população brasileira) e a *Congregação Cristã do Brasil* (que tem metade ou menos do número de fiéis da primeira). Juntas, constituem o grupo mais numeroso e compacto dentro das variadas correntes do protestantismo presente no Brasil, onde alcança - segundo prudentes estimativas - 8 ou 9% da população.

A idéia central que essas Igrejas encontram em Hb 13,8 é a atualidade da experiência de Cristo na Igreja. Cristo é vivo. Cristo é *agora* o Senhor da Igreja. Cristo envia *agora* o Espírito. Nesse sentido, pode-se dizer que a Igreja é *acontecimento*, que ela é realidade *presente*. Compreende-se melhor esta concepção, ou esta ênfase no presente, se lembrarmos que a maioria das Igrejas "tradicionais" do protestantismo americano (presbiterianos, batistas, metodistas), de onde os pentecostais saíram no início deste século, tinham e têm uma concepção da Igreja essencialmente voltada para o *passado*, determinada pela *tradição*. Ora, com o passar dos anos e dos séculos, isto traz o perigo de a figura de Jesus como sempre mais distante e sempre menos "eficaz" ou "poderosa" no presente.

É claro que, frequentemente, movimentos de reforma ou de renovação

* Filósofo e Teólogo. Vice-Reitor da Universidade Católica de Minas Gerais - Brasil. Ítalo-Brasileiro

tentavam - por diversos caminhos - reencontrar o dinamismo da Igreja primitiva. No século XIX, por exemplo, são típicos no protestantismo norte-americano os movimentos "adventistas", que restabelecem a tensão escatológica, a expectativa da segunda vinda de Cristo. Mas, indubitavelmente, o pentecostalismo caracteriza o século XX e traz, inclusive nos ambientes populares da América Latina, uma experiência eclesial cuja força está em demonstrar que Jesus Cristo é o mesmo *hoje* como ontem, que Pentecostes se realiza permanentemente, que os carismas não são dons extraordinários dados apenas a Igreja do começo, mas manifestações atuais e sensíveis da força maravilhosa do Espírito de Deus.

Apesar de seu sucesso (relativo), o pentecostalismo já mostrou também seus limites e seus desvios. No Brasil, podem ser observadas duas tendências que se afastam da inspiração inicial. De um lado (e não é nenhuma novidade para os sociólogos), as Igrejas pentecostais mais antigas - como as citadas *Assembléia de Deus e Congregação Cristã* - começam a mostrar sinais de burocratização e de tradicionalismo. Após 80 anos de existência, elas passam a sofrer os condicionamentos da idade e da progressiva institucionalização e vêem aparecer os "defeitos" que criticavam nas outras Igrejas evangélicas e na Igreja Católica.

De outro lado - e isto é muito significativo! - outro desvio aparece, gerando novas Igrejas pentecostais, em que o aspecto de "acontecimento atual" da Igreja é exasperado. Trata-se das igrejas (ou "agências", às vezes quase empresas) da "cura divina". Suas raízes estão na difusão no Brasil, nos anos 50, da *Igreja do Evangelho Quadrangular* (fundada nos Estados Unidos em 1921). Ela inicia aquela ênfase sobre a *cura*, que muitas outras igrejas mais recentes radicalizam. Ao limite, temo uma verdadeira *reviravolta* do pentecostalismo clássico.

A *Congregação Cristã do Brasil* e, quase com o mesmo rigor, a *Assembléia de Deus* exigiam de seus fiéis uma adesão total, solidariedade irrestrita, disciplina absoluta, comportamento que procurava separar do "mundo" (proibição de fumo e bebidas, cinema e TV, espetáculos "profanos"; modéstia no vestir; intensa participação na vida comunitária etc.). Embora no centro do culto tivesse a experiência do Espírito e de seus dons, isto trazia um amplo conjunto de obrigações morais "puritanas". Algumas das mais recentes igrejas (que alguns observadores preferem classificar como "agências" ou "empresas") pentecostais reduziram o acontecimento eclesial à *cura* (ou ao exorcismo, milagre, experiência extática) e, seus fiéis, paralelamente, foram reduzidos a *espectadores* ou *fregueses* (clientes), que fazem uma rápida experiência do maravilhoso (geralmente em troca de consistentes contribuições em dinheiro), sem assumir vínculos de solidariedade e compromissos éticos ou morais permanentes. Paradoxalmente, acabam se aproximando assim dos cultos afro-brasileiros ou da Umbanda, que combatem violentamente como demoníacos, mas com os quais apresentam analogias estruturais evidentes: experiências do Espírito (no pentecostalismo) ou dos espíritos (na umbanda); busca de consolo e orientação individual; obrigações rituais, mas nem sempre morais.

Embora os casos extremos possam ser raros, pois sempre há algum mecanismo que freia a tendência para a radicalização, pode-se formular a hipótese de

que a interpretação radical do *hoje* de Cristo, a ênfase ilimitada sobre a Igreja como *acontecimento* atual, leva à dissolução da própria Igreja ou à sua redução a uma “experiência” passageira de um “divino”, cuja autenticidade não é garantida.

2. Se a experiência pentecostal mostra limites e desvios possíveis na interpretação de Hb 13,8, ela não exclui que outra interpretação seja possível e possa inspirar ou enriquecer uma eclesiologia sadia.

O que o autor da Carta aos Hebreus queria? Esta é a pergunta básica, o ponto de partida. Ora, sem entrar aqui na história da exegese dessa epístola de autor desconhecido, podemos tomar como base o consenso recente sobre a natureza da sua mensagem. Em breve: trata-se de uma carta escrita (talvez ao redor do ano de 80 d.C.) com a intenção de exortar à perseverança na fé uma comunidade da segunda ou terceira geração cristã, que sofre o problema do desânimo diante de provações inesperadas ou de esperanças desiludidas. A carta se compõe de dois tipos de textos complementares:

- textos *teológicos* mais extensos e habilmente elaborados, que querem mostrar o *fundamento* da esperança cristã;
- textos *parenéticos* (exortatórios), concentrados especialmente no final da carta (cap. 12-13), mas brevemente antecipados e intercalados nos capítulos teológicos (cf. 2,1-4; 3,1-4,14; 5,11-6,20; 10,19-39), que explicitam a exortação à perseverança e apontam as *atitudes* que os leitores devem tomar.

Como se sabe, a teologia de Hebreus tem como tese central que Jesus Cristo, após sua morte, foi exaltado à direita do pai, onde continua vivo e poderoso, como Sumo Sacerdote e Rei messiânico para sempre, Senhor do mundo e da Igreja. Confiando em tal intercessor todo-poderoso, que demonstrou sua solidariedade com a raça humana em toda a sua existência terrena, a Igreja pode viver na fé, isto é, na confiança, na certeza da vitória final, fé e certeza de que tantas testemunhas (cf. Hb 11) deixaram o exemplo.

No final da II Guerra Mundial, a situação da Europa ocupada pelos nazistas sugeriu a Oscar Cullmann e a outros teólogos uma comparação que pode ajudar a compreender a situação do cristão na história, segundo a Carta aos Hebreus. A batalha decisiva já está ganha pelas forças do bem (Cristo está no céu, assentado acima de todas as potências do mundo), mas a guerra ainda não terminou. Poderá durar mais ou menos, mas a vitória final está certa. Enquanto isto, porém, o inimigo resiste. O cristão é como alguém que, confiante na vitória final, combate a guerra de guerrilha no território ocupado pelo inimigo, para apressar a libertação e o fim da guerra, e nisso sofre pelas atrocidades das últimas e mais encarniçadas batalhas.

Como entender mais exatamente a identidade da Igreja nesse contexto? Como discernir amigos e inimigos nesta luta? Como reconhecer o caminho da vitória?

Para a Igreja Católica (como, “mutatis mutandis”, para as outras Igrejas cristãs) a identidade passa pela referência a Cristo. Numa concepção pentecostal, Cristo estaria lá onde ele se manifesta sensivelmente através dos dons do Espírito. Já vimos que esse critério é insuficiente. O texto de Hb 13,8 diz que Jesus Cristo é o mesmo “ontem, hoje e sempre”. Aflora aqui um outro critério indispensável para a identidade da Igreja: “seguir” o Jesus de ontem, o Jesus histórico; praticar sua palavra e celebrar os sinais sacramentais da sua memória e da sua presença. Essa conservação da “herança” recebida não faz, porém, da Igreja um museu ou uma instituição voltada exclusivamente para a salvaguarda da tradição. Cristo continua vivo hoje e continuará vivo para sempre, para a eternidade.

A Igreja encontra seu caminho, portanto, não a partir de uma única referência, mas de uma triangulação em que presente, passado e futuro são os polos necessários e inelimináveis.

Voltemos aos fatos para comprovar a tese. Não é difícil observar, na história do cristianismo, que a Igreja avança na direção certa quando se afasta do apego unilateral ou exclusivo a uma de suas referências. Quando a Igreja se volta exclusiva ou predominantemente para o *passado* (tentação que a Igreja Católica sofreu profundamente), ela corre o risco de se apegar ao “Cristo da carne”, às tradições de ontem interpretadas em sentido restritivo, de exceder no legalismo e na dimensão humana, sociológica, de suas instituições, esquecendo o Cristo vivo, atual, presente pelo Espírito, fonte de dinamismo e renovação. (Alguns teólogos falaram do “cristomonismo”, de eclesiologia pobre ou até esvaziada de pneumatologia). Quando a Igreja se volta exclusivamente para o *presente*, corre o risco de se apegar a uma “experiência” do Espírito vista apenas ou predominantemente no seu lado emocional. Os dons do Espírito são reduzidos ao entusiasmo. São selecionados não segundo o critério do serviço (do Cristo Sofredor, da Cruz), mas pela maravilha ou euforia - necessariamente passageira - que suscitam. Outros aspectos da vida cristã - como o estudo ou o empenho sério e trabalho para transformar a própria conduta e edificar uma sociedade mais fraterna são esquecidos ou subestimados. O mesmo acontece quando a única referência é o *futuro*: ela pode gerar tanto a fuga do mundo e o refúgio numa esperança não autêntica, quanto a resignação a viver nas dificuldades e tristezas deste mundo, à espera do apocalipse.

Felizmente, tanto o passado, quanto o presente e o futuro, tomados *juntos*, nos falam do mesmo Cristo e nos permitem viver numa sólida esperança. Aquele que partilhou até à cruz a nossa existência humana, está à direita de Deus e nos garante, como destino, a comunhão eterna com o Pai no Espírito, que já podemos agora experimentar imperfeitamente.

Para indicar esta esperança, que animou o próprio Cristo na terra (cf. 2Ts 3,5), a Carta aos Hebreus usa preferencialmente a palavra *hypomoné*. Ela indica a persistência, a perseverança, a paciência histórica, de quem tem certeza de que Jesus Cristo está vivo hoje como ontem e continuará vivo como Senhor da história.